

Educação

O GLOBO

Livros que fazem crescer

06 MAR 1994

LEANDRO KONDER**O que é crescer?**

A resposta a esta pergunta parece óbvia: aumentar de volume, ou de altura.

No entanto, os educadores sabem que o "crescimento" de um ser humano envolve certamente mais do que o ganho de alguns quilos ou de alguns centímetros.

Não só na infância ou na adolescência, as pessoas têm sempre possibilidades de "crescer", quer dizer, de ampliar e enriquecer seus respectivos quadros de referências; podem assimilar uma diversidade maior de experiências de outras criaturas, "viver" outras vidas, incorporar outros modos de sentir e de pensar.

O crescimento cultural consiste, em última análise, numa "universalização": o indivíduo não deixa de ser uma criatura singular, com uma personalidade própria, um estilo peculiar, único, porém se torna capaz de, pela comparação com os demais, compreender-se melhor (compreendendo melhor a humanidade).

Na história das culturas tem sido fundamental o papel dos livros; sem eles, os nossos povos não teriam podido crescer.

Quantos espanhóis chegaram a se conhecer melhor através da leitura

do "Dom Quixote" de Cervantes? Quantos franceses se viram de um ângulo novo a partir do contato com os romances de Balzac? E qual é a extensão da dívida que nós, brasileiros, temos em relação a Machado de Assis?

O livro tem se mostrado, até agora, um instrumento insubstituível da vida espiritual. Por mais importantes que sejam as possibilidades criadas na esfera dos sons e das imagens, por mais fascinantes e vigorosos que sejam o cinema, a TV, o CD player e os computadores, alguns caminhos do crescimento cultural continuam ligados à leitura dos livros.

Nenhuma linguagem nova consegue substituir plenamente a relação do leitor com o livro, seu poder de imprimir um ritmo caprichoso à leitura, folheando o volume, permitindo-se divagações e criando por conta própria, com total liberdade, suas imagens e suas reflexões.

Os livros, então, continuam sendo um fator essencial de "crescimento", para crianças, jovens e adultos. Continuam sendo ferramentas imprescindíveis aos que insistem em "ousar saber", em aprimorar seus conhecimentos, em fortalecer seu espírito crítico e autocrítico. Continuam sendo um veículo indispensável para os que estão empenhados em viajar na direção da "universalização".

Por isso mesmo, são muito preocu-

pantes as notícias que dão conta de alterações, entre nós, no sistema de venda dos livros. Divergências entre editores e livreiros, agravadas pela pressão inflacionária, podem resultar num horrível estreitamento, nas livrarias, exatamente do espaço da oferta dos livros que "fazem crescer".

Há livros que têm uma função pragmática, limitam-se a atender a necessidades imediatas, restringem-se a "quebrar galhos". Sua existência, sem dúvida, é legítima. Se, contudo, eles chegarem a ocupar todo o espaço das livrarias (porque são os que se vendem mais rapidamente e proporcionam um retorno mais célere do investimento), os livros mais densos, culturalmente mais significativos, serão expulsos das prateleiras, condenados a uma certa clandestinidade.

Em tais condições, exatamente os livros de que mais precisamos para o nosso crescimento (e que quase nunca são **best-sellers**) desaparecerão. Estaremos correndo o risco de nos tornarmos "anões".

E foi com certeza pensando nesse risco que o livreiro Aluizio Leite declarou, revoltado, ao GLOBO (23/02/94): "Se for para ficar com a loja cheia desses livros de auto-ajuda e **best-sellers** de verão, prefiro mudar de ramo."

Leandro Konder é filósofo.